

**A FONOLOGIA E MORFOLOGIA DO XIFANAKALO, UMA LÍNGUA TAMBÉM
FALADA NAS MINAS DA ÁFRICA DO SUL**

**PHONOLOGY AND MORPHOLOGY OF XIFANAKALO, A LANGUAGE ALSO
SPOKEN IN SOUTH AFRICAN MINES**

Gabriel Antunes de Araújo

Universidade de Macau/Universidade de São Paulo-Brasil

Carcídio Armando Sendela

Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano-Moçambique

RESUMO

Apresentamos uma abordagem descritiva do sistema fonológico e morfológico do Xifanakalo. A partir de um *corpus* composto por 254 itens lexicais colectados em Moçambique, com informantes ex-emigrantes sul-africanos, com recurso à elicitación e na literatura discutimos o sistema consonantal, vocálico, silábico e o processo da formação do plural dos substantivos. Há pouca literatura que aborda os aspectos da fonologia e morfologia do Xifanakalo. Os estudos publicados anteriormente apresentaram limitações; por exemplo Mesthrie (2019) analisou o léxico que compõe o Xifanakalo, para além do Sizulu, Siklhosha constatou-se que certas palavras que compõem o léxico do Xifanakalo provinham de uma outra fonte e poucas puderam ter a origem indeterminada. Verificamos que o autor não estudou as línguas Tsongas, e estas eram faladas no ambiente mineiro, devido à submissão dos falantes das mesmas na mineração. Assim sendo, no estudo propomos adições ao quadro consonantal do Xifanakalo, publicado em estudos anteriores, a fim de incluirmos segmentos consonantais pulmonados, nomeadamente: uma oclusiva palatal /c/ e não pulmonados, como o clique /ʘ/ e a consoante implosiva bilabial /ɓ/, não descritos previamente. Além disso, o estudo apresenta uma proposta para a padronização do nome da língua estudo, bem como o “processo de colonização” como teoria da origem da mesma.

PALAVRAS-CHAVE

Fonologia. Morfologia. Sílabas. Xifanakalo.

ABSTRACT

In this article, we present a descriptive approach to the phonological and morphological system of Xifanakalo. From a corpus composed by 254 lexical items collected in Mozambique, with former South African emigrant informants and in literature, we discuss the consonantal, vowel and syllabic system and the process of formation of the plural of the nouns. There is short literature that addresses aspects of the phonology and morphology of Xifanakalo. The studies published previously had limitations; for instance, Mesthrie (2019) analyzed the lexicon that composes Xifanakalo, he reported that in addition to Sizulu and Sikhlosa certain words that compose Xifanakalo lexicon came from another source, and few words could have the undetermined origin. We verified that the author did not study the

Tsonga languages, and these languages were spoken in the mining environment, due to the submission of their speakers in the mining environment. Therefore, in this study we propose additions on the Xifanakalo consonant chart, published in previous studies to include non-pulmonic consonant segments, namely: a palatal stop /c/, and non-pulmonic consonantal segments, such as the click /ʘ/ and the bilabial implosive consonant /b/, not previously described by other researchers. In addition, the study presents a proposal for the standardization of the name of the language studied, as well as the “colonization process” as a theory of its origin.

KEYWORDS

Phonology, Morphology, Syllable. Xifanakalo.

Introdução

O Xifanakalo é uma língua falada na República Sul Africana (RSA), usada diariamente por milhões de pessoas, incluindo europeus e os nativos. Esta língua é falada pelos países da União Africana, a Rodésia, Niassalândia, Congo Brazaville e países portugueses do leste de África (BOLD, 1951). Na perspectiva de Newby-Rose (2011) o Xifanakalo é uma língua usada entre empregador e o empregado em algumas zonas de trabalho, nos campos de cultivo, em casa e nas minas de ouro e de diamantes em Witwatersrand (atual província de Gauteng, na RSA).

De facto, o conceito apresentado por Newby-Rose (2011), excluindo a questão da agricultura, o Xifanakalo é também falado em ambiente de mineração, pois as minas são os locais onde a aprendizagem desta língua é obrigatória para todos os recém-contratados. No caso dos africanos cujas nacionalidades são dos países vizinhos da RSA a aprendizagem do Xifanakalo é mais fácil, pelo facto de ser uma língua de base b'antu. (NEWBY-ROSE, 2011). Paralelamente, Newby-Rose (2011), ao avaliar o estatuto social do Xifanakalo, afirma que a situação do contato multilíngue contínuo, na RSA contribui de uma forma significativa para a sobrevivência desta língua.

No que concerne ao número dos falantes, segundo Surek-Clark e Mesthrie (2013) o Xifanakalo possui cerca de 3 milhões de falantes. No que concerne às variantes, Pewa (2001, p. 44) advoga que “Sizulu spoken in rural and urban areas is the determining factor on the varieties of fanakalo. There is no much difference between Sizulu and Fanakalo varieties.” As variantes do Xifanakalo apresentadas por Pewa (2001) são baseadas no tipo de Sizulu falado numa determinada região. Dessa forma, o Xifanakalo falado nas cidades é diferente do Xifanakalo falado nas zonas rurais, pois, na perspectiva de Pewa (2001) as variantes do Xifanakalo são determinadas pelo tipo de Sizulu falado numa destas zonas (urbana ou rural).

Da justificativa, aqui apresentamos uma descrição do sistema fonológico da língua, bem como a ausência de nasalização vocálica, aspetos da divisão silábica, a produção dos sons não pulmonados (cliques e implosivos), morfologia e léxico, bem como a formação do plural dos substantivos, a ocorrência do determinante *lo* para comprovarmos que o Xifanakalo é uma língua b'antu, pois, Bold (1951) apresenta uma descrição da morfologia nominal (plural de substantivos) muito limitada. Adicionalmente, observamos uma necessidade de aprofundamento sobre os fatores que levaram ao surgimento e evolução do Xifanakalo, suas relações com outras línguas b'antu e, por fim, demonstrar resumidamente aspectos de sua origem, com enfoque na era da implantação do sistema colonial e as migrações por esse sistema econômico promovidas.

Assim sendo, o presente texto, cujo tema é A fonologia e morfologia do Xifanakalo, uma língua também falada nas minas da África do Sul, pretende (i) apresentar uma descrição do sistema consonantal, vocálico e silábico e (ii) discutir alguns aspectos morfológicos da língua. O texto estrutura-se da seguinte forma: na seção I, apresenta-se a revisão da literatura concernente à descrição sociolinguística do Xifanakaló. Em seguida, apresentamos as teorias e que tentam explicar a origem da língua em estudo, em paralelo apresentamos o nosso posicionamento, focado na implantação do sistema colonial, em seguida apresentamos a proposta para a nomenclatura da língua. É possível visualizar a metodologia, materiais, local de recolha dos dados, na seção II. Haja vista que, a seção III desdobra-se sobre os resultados do estudo, expondo os aspectos da fonologia, nomeadamente: as vogais, consoantes, encontros consonantais, sílaba; em seguida os aspectos da morfologia nominal: o processo de marcação do plural dos substantivos. Por fim, a seção IV apresenta a discussão dos resultados.

1. Fundamentação teórica

1.1. Descrição sociolinguística do (Xi)fanakalo

Esta seção, traz uma breve descrição do (Xi)fanakalo. Os conceitos são baseados em autores nativos e não nativos da África do Sul. Nesta seção, fornecemos, de igual modo, o estatuto social, o número dos falantes, as variantes e os países onde se fala o (Xi)fanakalo. A formação do (Xi)fanakalo está conectada a línguas ancestrais que estiveram em contato no período colonial, a partir do encontro entre colonizadores (neerlandeses e ingleses) e populações africanas (multilíngues) transplantadas. Destas línguas, destaca-se o inglês (língua do colonizador), o Sikkhosa, o Sizulu, as línguas Tsonga (línguas dos colonizados), sendo a língua lexicadora dominante, o Sizulu.

Bold (1951, p. 5) afirma que o (Xi)fanakalo é uma língua falada na África do Sul, usada diariamente por milhões de pessoas, incluindo europeus e os nativos. Esta língua é falada pelos países da União Africana, a Rodésia, Niassalândia, Congo Brazaville e países portugueses do leste de África. A literatura descritiva sobre o (Xi)fanakalo é escassa e limitada, em autores de origem africana e/ou de longa residência na/fora da África do Sul, com muito enfoque datada para o final da década de 1980 e revisada para publicações posteriores (cf. Newby-Rose, 2011). Na perspectiva de Newby-Rose (2011, p. 12) o (Xi)fanakalo é uma língua usada entre empregador e o empregado em algumas zonas de trabalho, nas roças, em casa e nas minas de ouro e de diamantes em Witwatersrand (atual província de Gauteng, na RSA).

De facto, o conceito apresentado por Newby-Rose (2011), excluindo a questão das roças, é também ligado ao ambiente de mineração, pois nas minas são os locais onde a aprendizagem desta língua é obrigatória para todos os recém-contratados. E, para os africanos cujas nacionalidades são dos países vizinhos da RSA a sua aprendizagem torna mais fácil, pelo facto de ser uma língua de base b'antu. (Newby-Rose, 2011, p. 17). Paralelamente, Newby-Rose (2011), ao avaliar o estatuto social do (Xi)fanakalo, afirma que a situação do contato multilíngue contínuo contribui de uma forma significativa, para a sobrevivência desta língua.

O posicionamento de Newby-Rose é concatenado à publicação de Hurst-Harosh (2018, pp. 3-4) onde advoga que “Fanakalo is still mainly used in the South African provinces of Gauteng (formerly part of the Transvaal province) and KwaZulu-Natal, the sites of its main labour contexts, but has also spread to neighbouring countries through the return migration, particularly of mine labour. It is known to be

used in Zimbabwe, Zambia, Mozambique, Malawi and Namibia as a consequence of this return labour migration.” (O Fanakalo ainda é usado principalmente nas províncias sul-africanas de Gauteng (ex-Província do Transvaal) e KwaZulu-Natal, principais locais de trabalho, mas também se espalhou para países vizinhos por meio da migração e retorno aos países de procedência, particularmente de mineiros. Sabe-se que é usado no Zimbábue, Zâmbia, Moçambique, Malawi e Namíbia como consequência dessa migração de retorno de trabalho. Tradução nossa).

1.2. A contradição das teorias de origem do (Xi)fanakalo

Surek-Clark and Mesthrie (2013) defendem que uma das estratégias da difusão de comunicação, na RSA sucedeu em Natal em 1843, nas plantações de cana-de-açúcar, através do trabalho forçado dos indianos e outros povos locais.

Para os autores, o surgimento do (Xi)fanakalo é conexo à esta fusão de imigrantes indianos, afrikaners e outros povos locais entre 1860 a 1867. Ademais, eles frisam que os indianos adquiriram rapidamente o Xifanakalo, como meio de comunicação com os empregadores ingleses e os povos nativos (zulus).

Portanto, estes autores destacam dois fatores da origem do Xifanakalo: a chegada massiva dos indianos, na província do Natal em 1860 e a descoberta dos diamantes e ouro no interior da mesma província em 1867.

1.2.1. A visão de Caroline Aubry

Aubry (2001) por seu turno, nega a hipótese defendida por Mesthrie de que o Xifanakalo surgiu nas plantações do natal através do contato dos imigrantes indianos, zulus e inglês. Para a autora, esta hipótese contradiz os dados linguísticos. Assim sendo, segundo a autora o Xifanakalo surgiu antes da implantação do trabalho forçado, surgiu após a vitória da guerra dos zulus que eventualmente dominaram os vizinhos. Portanto, para a autora o Xifanakalo surgiu na era nômade, antes da dominação colonial.

1.2.2. O posicionamento de Pewa

Pewa (2001) afirma que não há provas científicas que debruçam sobre a origem do Xifanakalo. Nisso, vários pesquisadores têm dado vários pontos de vista segundo as suas pesquisas. A autora, apresenta uma resenha destas teorias, porém não apresenta o seu próprio posicionamento. Na sua análise, apresenta diferentes teorias de origem do (Xi)fanakalo, nomeadamente:

a) It originated Eastern Cape and Natal where it was used by the English speaking settlers and the Nguni tribes. This theory suggest its origin between 1820 and 1850. (Ele surgiu no Cabo Oriental e em Natal, onde era usado pelos colonos de língua inglesa e pelas tribos Nguni. Esta teoria sugere sua origem entre 1820 e 1850. Tradução nossa)

b) Fanakalo came into being in the diamond and gold field of Kymberly and Witwatersrand as a result of interaction between people from various languages groups who came to work in these fields after 1870. (O Fanakalo surgiu no campo de diamantes e ouro de Kymberly e Witwatersrand como resultado da interação entre pessoas de vários grupos linguísticos que vieram trabalhar nesses campos depois de 1870. Tradução nossa)

c) Fanakalo developed in KwaZulu-Natal as a result of contact between indentured and trade Indians and speakers of Sizulu and English. (O Fanakalo se

desenvolveu em KwaZulu-Natal como resultado do contato entre indianos contratados, comerciantes locais e falantes de sizulu e inglês. Tradução nossa)

Em torno das teorias que procuram desmembrar a origem do (Xi)fanakalo, ao olharmos o panorama da história da República Sul Africana (RSA) decidimos debruçar sobre os aspectos da colonização.

1.2.3. A colonização e a descoberta dos minérios como a ‘ponta-de-lança’ para o apogeu do (Xi)fanakalo (nosso posicionamento)

Os dados históricos apontam que a colonização, na RSA começou logo após à chegada dos neerlandeses em 1652. Esses conquistaram as terras e dominaram os povos que lá habitavam, embora, essa dominação, no princípio tenha sido de forma indireta (Agostinho, 2018, p. 26). Após a chegada dos ingleses, desencadearam-se duas guerras, envolvendo as duas potências (neerlandesa e inglesa), que, na segunda contenda, culminou com a derrota da primeira. Com efeito, os ingleses conquistaram e dominaram todos os habitantes da RSA. Nessa ordem de acontecimentos, no presente artigo, frisamos a descoberta de diamantes e ouro ligados à mão-de-obra barata como a factos principais do apogeu do (Xi)fanakalo. Para tal, convém-nos afirmar que dois fatores contribuíram massivamente. (i). De um lado, as políticas de educação formal durante a vigência do colonialismo na RSA eram favoráveis aos filhos dos tiranos. No caso dos colonizados, a educação formal englobava a família dos assimilados. Ao resto do povo autóctone era proibida a educação formal e, posteriormente esta foi oferecida a esses povos de forma restrita, pois os colonizadores acreditavam que educar o africano seria perigoso, pois estariam a colocar a arma contra eles mesmos, quer dizer, um africano erudito seria mais resistente à exploração que um africano analfabeto. Comumente, os africanos deviam frequentar escolas especiais, até a um certo nível, que podia apenas habilitá-los às noções básicas. (ii). De outro lado, os africanos, particularmente aqueles cujos territórios são vizinhos da RSA como: Moçambique, Zimbabwe, Namíbia, Lezotho, Botswana, eram os preferidos pela tirania, para engrossar o número dos escravos, na exploração de diamantes e ouro. Desta feita, surge, na RSA um encontro de vários povos de comunidade b'antu linguisticamente heterogêneo. Dos povos recrutados pelos ingleses, para o trabalho forçado, nas minas, os neerlandeses e os indianos resistiram às leis impostas pelo patronato inglês, devido à supremacia racial, pois estes (neerlandeses e indianos) não queriam ser tratados como africanos.

A falta da educação formal e o domínio da língua inglesa por parte dos b'antu recrutados, fez com que os ingleses não se preocupassem com o ensino do inglês, nas minas, pois os escravizados africanos, já que falavam línguas que derivam de um tronco comum, conseguiam se comunicar, daí o surgimento do (Xi)fanakalo em um ambiente de iletrados.

Posto que as políticas educacionais eram favoráveis às famílias dos tiranos, presume-se que os b'antu recrutados como a mão-de-obra barata eram iletrados, pois aos colonizadores o que lhes importava era a força do homem negro. Assim, pouquíssimos africanos alfabetizados poderiam estar, nas minas, para oferecer serviços de tradução-interpretação das línguas locais para o inglês e vice-versa. A outra vantagem favorável aos colonizadores ao recrutar analfabetos é que um b'antu iletrado, serviria como a força motriz sem nenhum intento em exigir os seus direitos laborais. Vale ressaltar que, olhando para o léxico que majoritariamente compõe esta língua, nota-se que a maioria dos escravizados recrutados naquela época eram os b'azulu, b'axhosa e tsongas da RSA e Moçambique. Portanto, o

analfabetismo, o colonialismo concatenado ao trabalho forçado na exploração mineira e os movimentos migratórios são a base do surgimento do (Xi)fanakalo.

1.3. Discutindo a nomenclatura do (Xi)fanakalo

Nesta seção, dedicamo-nos à discussão da nomenclatura **da língua**. Para tal, uma proposta para a padronização do nome desta língua será apresentada. A proposta que aqui sugerimos, é motivada pela existência de muitos nomes referentes a mesma língua. Sendo uma língua b'antu, nesta seção, também discorremos a origem dos termos *b'antu* e *xhosa*, com enfoque aos trabalhos do clássico (GUTHRIE, 1948).

O (Xi)fanakalo é conhecido vulgarmente pelos estudiosos como Pidgin Bantu, Fanagalo, Fanakalo, Isilapalapa, Isilolo, entre outros nomes grafados por escritores além-fronteiras (Bold, 1951, p. 5; Hurst-Harosh, 2018; Newby-Rose, 2011; Surek-Clark & Mesthrie, 2013). Destarte, a palavra *b'antu*, que se pode realizar em várias formas (aportuguesada ou anglicizada), deriva do radical -ntu que significa pessoa e o prefixo ba- que é a marca do plural do substantivo.

Os termos Bâ-ntu e Xhosa, segundo Guthrie (1948, p. 9), surgem com Bleek na sua obra *Gramática Comparada*. Posteriormente, nos estudos feitos por Bleek, na senda da melhoria da grafia do primeiro termo eliminou o hífen que marca a separação do prefixo bâ- (marcador do plural) do radical -ntu, para igualar a forma ortográfica do segundo termo, pois já havia inventado o termo Xhosa sem hífen. Convencionalmente, de acordo com Bleek, notamos que apenas o termo 'Bâ-ntu' é que foi melhorado a sua forma de escrita que passou a se vulgarizar até aos dias hodiernos como *b'antu*, ficando apenas o melhoramento do termo Xhosa. Desde as publicações de Bleek até à atualidade, toda a comunidade acadêmica que se dedica ao estudo das línguas b'antu, quer na ortoépia, bem como na ortografia dos dois termos que aqui 'resenhamo-los', assumem a grafia postulada por Bleek. A África do Sul, por exemplo, compartilha muitos traços linguísticos com outros países circunvizinhos (Moçambique, Malawi, Botswana, Lesotho, Zimbabwe, Eswathine), membros da comunidade linguística b'antu, dadas as características existentes entre as línguas destes países.

Quadro 1. Variação da palavra b'antu em diferentes países e línguas

LÍNGUA	PAÍS	SINGULAR	PLURAL
Citshwa	Sul de Moçambique (Inhambane)	mun ^h u-pessoa	Va-n ^h u-pessoas
Emakwa	Norte de Moçambique (Nampula)	nthu-pessoa	A-thu-pessoas
Guitonga	Sul de Moçambique (Inhambane)	muthu-pessoa	Va-thu-pessoas
Cicopi	Sul de Moçambique (Inhambane)	inthu-pessoa	Va-thu-pessoas
Xichangana	Sul de Moçambique (Gaza)	mun ^h u-pessoa	Va-n ^h u-pessoas
iSizulu	África do Sul (KwaZulu-Natal)	muthu-pessoa	B'a-ntu-pessoas
(Xi)fanakalo	África do Sul -North West (Rustemburgo)	muthu-pessoa	B'a-ntu-pessoas

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 2. Marcação do plural dos nomes nas línguas b'antu

	XICHANGANA		(XI)FANAKALO		CITSHWA		CICOPI	
Substantivo	Singular	Plural	Singular	Plural	Singular	Plural	Singular	Plural
mulher	wansati	vavasati	mufazi	bafazi	wasati	vavasati	insikati	vasikati
braço	voko	mavoko	ngalo	mangalo	woko	mawoko	d'ib'oko	mab'oko
homem	wanuna	vavanuna	doda	madoda	wanuna	vavanuna	wamwana	vamwana

Fonte: Elaboração própria

O (Xi)fanakalo comporta-se como outras línguas b'antu, logo é correto afirmar que o (Xi)fanakalo é uma língua b'antu que tem como uma das bases de formação as línguas tsonga-rhonga. Por isso, a partir deste estudo, na documentação desta língua, é salvaguardada a sua grafia, obedecendo a grafia doutras línguas de origem b'antu, referimo-nos da colocação de prefixo Xi- mais o radical Fanakalo = Xifanakalo. Outrossim, na África Austral e noutros países circunvizinhos da comunidade b'antu, coloca-se o prefixo para identificar ou diferenciar a língua, do denominado grupo étnico (quadro 3). Dessa forma, o quadro 3 demonstra o paralelismo congruente dos nomes das línguas e os respetivos grupos étnicos ou povo.

Quadro 3. Paralelismo entre o grupo étnico e a língua nas comunidades b'antu

PAÍS/REGIÃO	GRUPO ÉTNICO/POVO		LÍNGUA
	Singular	Plural	
Moçambique	(mu)tshwa	Va-Tshwa	Ci-tshwa
Moçambique	Mukua	Va-kua	E-makwa
África do Sul	(mu)zulu	Va-zulu	(I)-si-zulu
Botswana	(mu)tswana	Va-tswana	(I)-si-tswana
África do Sul	(mu)fanakaló	ba-Fanakaló	Xi-fanakaló

Fonte: Elaboração própria.

O Xifanakalo seguirá a mesma denominação. Desse modo, mufanakaló ou vafanakaló, nas suas formas do singular e plural denominam o(s) falante(s) do Xifanakalo, ao considerarmos a tabela 3. Outrossim, o termo Xifanakalo é a única denominação que conseguimos captar dos falantes desta língua a fase experimental e na pesquisa efetiva. Portanto, é salvaguardado o nome Xifanakalo no presente estudo e nos estudos futuros. Em paralelo, o termo Xhosa referente a língua, durante passa a ser escrito Siklhoza, em representação do clique, pois o grafema (Xh) em Xhosa não corresponde a um dos cliques apresentados no Alfabeto Fonético Internacional (revisado até 2019).

2. Métodos e Materiais

2.1. Local da recolha dos dados

Os dados foram coletados em Moçambique, entre o mês de Novembro a Dezembro de 2021, na província de Gaza (distrito de Limpopo). A escolha destes meses deve-se ao facto de haver um maior fluxo migratório dos moçambicanos, de África do Sul para Moçambique, nessa época. A escolha da província de Gaza deve-

se ao facto de, esta apresentar uma grande massa populacional cujo setor laboral actua nas minas da África do Sul.

2.2. Instrumentos da coleta dos dados

Os instrumentos que usamos na coleta dos dados foram: gravador de áudio, em alternância ao anterior usamos também um gravador audiovisual HUAWEI Mate 20.

2.3. Seleção dos informantes

A coleta dos dados realizou-se de forma seletiva dos informantes, dado a certos fatores a considerar:

2.3.1. Dependência do movimento migratório

Em Moçambique, regista-se um maior número dos imigrantes que trabalham na África do Sul, geralmente, mineiros nos meses de novembro e dezembro. Na busca dos informantes, seguiu-se também o critério de seleção sobre o repertório linguístico e o *estado clínico* dos mesmos. Os informantes que apresentaram sintomas de COVID-19 ou suspeitos não participaram da entrevista.

2.3.2. A fluência dos informantes em Xifanakalo e língua portuguesa

Preferimos informantes bilíngues ou multilíngues, que dominam o Xifanakalo-Português, e/ou inglês, para garantir a economia do tempo. Por conseguinte, dispensarmos os serviços de tradução e interpretação.

2.3.3. Idade

Nossos informantes são adultos. Com eles colheu-se a ‘forma vernácula’ do Xifanakalo. Nesse sentido, ficamos vinculados à ideia de Podesva & Sharma (2013) que, segundo eles “while younger speakers may have clearer speech, older speakers can contribute more conservative pronunciations.” Nisso, vimos que os informantes com idade avançada forneceram-nos, adicionalmente a história da origem e evolução do Xifanakalo e a própria história oral da África do Sul.

2.3.4. Fluência em Xifanakalo

O mínimo de cinco anos de experiência de trabalho de cada informante como trabalhador nas minas da África do Sul é um requisito saliente que pôde habilitá-lo a participar da pesquisa, pois é um período suficiente para falar fluentemente o Xifanakalo. No caso em que o informante não possuísse a fluência em português, uma língua nacional foi usada durante a interação, nesse caso o pesquisador durante a conversa com o informante Inf.2022-II é intérprete da língua veículo para portuguesa e vice-versa.

Adicionalmente, mediu-se a fluência do informante em Xifanakalo a partir da submissão do mesmo na tradução-interpretação da lista dos itens do *swadesh list* e pedimo-lo para produzir frases, aplicando cada item do *swadesh*. Portanto, verificamos que os nossos informantes possuem um grande leque do léxico em Xifanakalo.

Quadro 4. Dados dos informantes

Informante	Língua 1	Língua 2	Outras línguas	Tempo de exposição ao Xifanakalo	Idade	Local de trabalho na RSA
Inf.2021-I	Citshwa	Português	Xifanakalo, Guitonga, Inglês	16 anos	72 anos	Rustenburg o-RSA
Inf.2022-II	Xichangana	Português	Siklhosha, Xifanakalo, Inglês, Citshwana	20 anos	71 anos	Johanesburg o-RSA
Inf.2022-III	Xichangana	Português	Xifanakalo, Citshwana	13anos	63 anos	Rustenburg o-RSA

Fonte: Elaboração própria

2.4. Corpus

O *corpus* deste estudo é composto por 254 itens lexicais, interpretados pelos informantes e inseridos numa frase. O objetivo do uso do item lexical na frase, em plena coleta dos dados, foi controlar o contexto fonológico e morfológico das palavras-alvo.

2.5. Os critérios de seleção das palavras para a pesquisa

Mesthrie (2019) realizou um estudo do léxico do Xifanakalo, baseado na análise das primeiras 15 páginas do *Miner's Dictionary*, a partir da letra A até a uma parte das palavras da letra D. Ele constatou que algumas palavras provinham de uma outra fonte e poucas palavras puderam ter a origem indeterminada. Também verificamos que Mesthrie (2019) não estudou as línguas tsonga (de Moçambique e África do Sul) e, sabendo que estas eram faladas no ambiente mineiro, devido à submissão dos falantes destas línguas na mineração, selecionamos previamente 30 itens lexicais, agrupados da seguinte forma: 10 itens da língua Xichangana, 10 da língua Xirhonga e 10 do Citshwa. Assim, selecionamos um informante da província de Inhambane cuja língua 1 é o Citshwa, e um informante da província de Gaza, Inf.2022-II cuja língua 1 é o Xichangana e que possuía fluência em Xirhonga.

Posto isso, pedimos o informante para interpretar as palavras selecionadas, posteriormente aplicou-as, na construção das frases em Xifanakalo. Das frases produzidas em Xifanakalo, extraímos outras palavras, para o agrupamento dos pares mínimos e análise das variações alofônicas. Foram encontrados segmentos consonantais que Mesthrie, bem como outros pesquisadores nunca tinham mencionado. Esses segmentos estão marcados pela cor azul, nas células dos quadros consonantais 6 e 7.

2.6. Autorização e considerações éticas da pesquisa

A pesquisa envolveu várias pessoas. Assim sendo, visando garantir o respeito mútuo e evitar causar danos morais e éticos, durante a coleta dos dados aprimoramos as boas práticas do relacionamento com outrem e envidamos esforços, para que todas as garantias de segurança e proteção dos dados dos informantes fossem cumpridas. Assim, os informantes assinaram um termo de consentimento, conforme as regras da Universidade de Macau.

3. Resultados

Nesta seção apresenta-se os resultados da fonologia e morfologia do Xifanakalo, fundamentados em análises elaboradas a partir de dados coletados e na literatura, especialmente (BOLD, 1951; MESTHRIE, 2019; PEWA, 2001; SUREK-CLARK & MESTHRIE, 2013). Desta feita, apresentar-se-á os segmentos vocálicos, os consonantais do Xifanakalo. É possível visualizar também, nesta seção, descrições da sílaba e o processo da marcação do plural dos substantivos.

3.1. Segmentos vocálicos

O Xifanakalo possui 5 vogais orais /a, e, i, o, u/. Todas elas ocupam a posição do núcleo da sílaba. Na sentença (1-a) é possível observar a ocorrência das 5 vogais do Xifanakalo. Contudo, a nasalização vocálica é inexistente.

(1-a) a. |Afanelo| |gunda| |inwela| |zaku| |lesi|.
 Deve cortar cabelo seu esse
 'Deve cortar esse seu cabelo.'

As vogais do Xifanakalo, assim como as vogais das outras línguas b'antu, ocorrem no núcleo da sílaba. O Xifanakalo possui cinco vogais orais como se pode observar no quadro 2.

Quadro 5. Vogais do Xifanakalo

	Anterior	Central	Posterior
Fechada	i		u
Semi- fechada	e		o
Aberta		a	

Fonte: Elaboração própria

3.2. Segmentos consonantais

Após termos colhido os dados, com o recurso à elicitación e, tendo confrontado outras fontes como o ApiCS (<https://apics-online.info/contributions/61#tipa>), apresentamos os quadros de sons consonânticos referentes ao Xifanakalo. Comparativamente àquela apresentada no ApiCS, os quadros que aqui propomos possuem novos sons: /c/; /b/; /ɬ/. Assim, o Xifanakalo possui 26 consoantes.

Quadro 6. Consoantes do Xifanakalo

	Labiais	Alveolares	Palatais	Velares	Glotal
Oclusiva	p b	t d	c	k g	
Fricativa	f v		s z	ʃ	h
Nasal	m		n	ŋ	
Africada			tʃ dʒ		
Vibrante		r			
Lateral		l			
Lateral fricativa			ɬ lʒ		
Aproximante	w			j	

Fonte: Elaboração própria

Quadro 7. Consoantes não pulmonados

Clique	Implosivo
[ɛ̥] palatoalveolar	[ɓ] bilabial

Fonte: elaboração própria

Os cliques são fones que durante a produção mantêm os pulmões neutros, pois não há *input* e *output* do ar através do trato vocal, nem do nasal. No caso do Xifanakalo e registamos a ocorrência de um (1) clique, o palatoalveolar [ɛ̥].

O fone [ɛ̥] quanto ao modo de produção é não-pulmonado, no que concerne ao processo de articulação, o articulador ativo na produção do [ɛ̥] é a ápice da língua que se eleva para o véu palatino, sendo o articulador passivo o palato duro. No que tange ao estado da glote é neutro.

(2)

a. [ʔanda] ‘ovo’

Por seu turno, o fone [ɓ] é bilabial, pois na sua produção há intervenção dos dois lábio. No que concerne ao estado da glote é neutro.

(3)

a. [ʔsbindi] ‘fígado’

3.3. Encontro consonantal (*sound cluster* ou *Cluster*)

É um termo usado para se referir a qualquer sequência de consoantes adjacentes, especialmente aquelas que ocorrem na posição inicial, medial ou final de uma sílaba, em algumas línguas. Num encontro consonantal, cada consoante realiza-se normalmente, sem alterar as suas propriedades. Porém, podem ocorrer alguns casos ligeiros de alteração, por exemplo; a redução do grau de implosão do fone [b] e [d] [g], quando estes ocupam a segunda posição do ataque diante dos nasais [m] [n].

O Xifanakalo apresenta 12 casos de encontros consonantais. No quadro 8, é possível observar os encontros consonantais e os respectivos exemplos da ocorrência.

Quadro 8. Encontros consonantais do Xifanakalo

Cluster	Exemplo	Forma subjacente	Glosa
sk	[ʔskʰumba]	/skumba/	‘pele’
sb	[ʔsbindi]	/sbindi/	‘fígado’
sp	[ʔspunu]	/spunu/	‘colher’
st	[ʔstaʔlidi]	/stalidi/	‘estrada’
str	[ʔstrongo]	/strongo/	‘forte’
skr	[ʔskrumpat]	/skrumpat/	‘trator’
ntw	[ʔntwala]	/ntwala/	‘piolho’
ndw	[ʔgundwana]	/gundwana/	‘rata’
br	[ʔbrif]	/brif/	‘carta’
ml	[ʔmleze]	/mleze/	‘pés’
pl	[ʔplas]	/plas/	‘roça’
cw	[ʔcwala]	/cwala/	‘bebida alcoólica’

Fonte: Elaboração própria

3.4. A sílaba em Xifanakalo

Surek-Clark and Mesthrie (2013) afirmam que a estrutura silábica do Xifanakalo maioritariamente segue a da sílaba do Sizulu CVCV ou NCV. Onde:

N- representa a consoante nasal /n/ que precede outra consoante, embora em certos casos a consoante /n/ seja omitida em posição inicial por alguns falantes do Sizulu.

C- significa consoante.

V- significa vogal.

As consoantes descritas nas subseções anteriores, tais como /p, b, t, d, k, g, f, v, m, n, ŋ, w, j, r, l, s, ʃ, z, c, ɬ, ɓ, dʒ, lʒ, ɰ/ podem ocorrer em onset, no início de palavra.

É possível visualizar os moldes silábicos do Xifanakalo, no quadro 9.

Quadro 9. Moldes silábicos do Xifanakalo

Molde Silábico		Exemplos	Forma subjacente	Glosa
V	['anda]	/anda/	'aumentar'	
VC	['atʃ]	/atʃ /	'credo!'	
CV	['bantu]	/bantu/	'pessoa'	
CVC	[la'paja]	/lapaja/	'além'	
CCV	['strongo]	/strongo/	'forte'	
CCVC	[brif]	/brif/		'carta'
CCCV	['ntwala]	/ntwala/		'piolho'

Fonte: Elaboração própria

No Xifanakalo, o núcleo da sílaba é preenchido por pelo menos uma vogal simples ou por uma longa /i:/, sendo a sílaba mínima V (sílaba formada por uma vogal). Todas as vogais podem ocupar a posição do núcleo.

3.5. Morfologia em Xifanakalo

Na morfologia do Xifanakalo, focamo-nos no processo de formação do plural dos substantivos e o determinante *lo*. Nas subseções que se seguem descrevemos detalhadamente cada processo. Debruçamos sobre o processo da marcação do plural, pois notamos que Bold (1951) não apresenta regras detalhadas desse processo. No tocante ao determinante *lo* pode ocorrer três vezes na frase. Só ocorre uma vez como determinante e as restantes incide como partícula enfatizadora.

3.5.1. Processo de marcação do plural no Xifanakalo e o determinante *lo*

Numa frase com uma estrutura sujeito, verbo e objecto (SVO), ou numa simples determinação dos substantivos, eles são antecidos pelo determinante *lo*.

- (4) |Lo| |muthu| |yena| |f (ile)| |zolo|.
 |Det.| |Sbt.| |3ª pes.| |Morrer (Pass.)| |ontem.|
 'A pessoa morreu ontem.'

- (5) Lo moto
 'O automóvel'

O outro aspecto digno de realce é que o determinante *lo* é invariável, tanto em gênero bem como em número, mesmo antecedendo um numeral ou um substantivo no plural. Em (6a) tem-se o determinante *lo*, ocorrendo antes de um nome feminino no plural, em (7a) diante de um nome masculino no plural, finalmente em (8a), precede um numeral cardinal.

- (6) a. |Lo| |b'afazi|
|det| |plu.mulher|
'As mulheres'
- (7) a. |Lo| |madoda|
|det| |plu.homem|
'Os homens'
- (8) a. |Lo| |two| |madoda|
|det| |num.| |plu.madoda|
'Os dois homens'

3.5.2. Plural dos substantivos

Conforme defende Bold (1951) a regra geral da marcação do plural em Xifanakalo consiste em colocação do prefixo **ma-** como em (9a). Quando o substantivo começa com a vogal /i/ ou a consoante /n/, o plural é marcado pelo prefixo **z-** (10a).

- (9)
a. [ma'bele] 'mamas'
- (10)
a. [zi'ηkomo] 'vacas'

No que tange à marcação do plural dos substantivos em Xifanakalo, frisamos que o plural nesta língua é feito com o recurso à *prefixação*. Como se pode verificar nos quadros 10 a 15, os prefixos que marcam o plural são variáveis, pois o Xifanakalo apresenta as características morfológicas típicas das línguas b'antu da região.

Os prefixos que marcam o plural são: **ma-**, **z-**, **zi-**, **ba-** e **mi-**. O prefixo **ma-** ocorre em todos substantivos, exceto no plural dos animais mamíferos. O prefixo **z-** é alocado em um substantivo, geralmente animal quando o nome começa com uma vogal. Por seu turno, o prefixo **zi-** é alocado em um substantivo geralmente animal quando, o nome começa por uma consoante.

No quadro 11 há um caso do plural irregular do substantivo [liso] 'olho', pois muda completamente a grafia do radical. No mesmo quadro, o prefixo **ba-** ocorre em pouca escala e é mais humano. No quadro 12, os prefixos **z-** e **zi-** são os que marcam o plural de animais. O prefixo **mi-** pode marcar o plural de qualquer substantivo, exceto animais mamíferos.

Quadro 10. Plural de nomes simples

Exemplo	Plural	Forma subjacente(plural)	Glosa plural
[ntaβa]	[zi'ntaβa]	/zintaβa/	'montanhas'
[ŋgalo]	[ma'ηgalo]	/maŋgalo/	'braços'
[ŋgozi]	[zi'ηgozi]	/zingozi/	'acidentes'
[bo'lzela]	[mabo'lzela]	/mabolzela/	'garrafas'
[sondo]	[ma'sondo]	/masondo/	'rodas'

Fonte: Elaboração própria

Quando 11. Anatomia humana e palavras relacionadas

Exemplo	Plural	Forma subjacente (plural)	Glosa (plural)
[ˈsusu]	[ziˈsusu]	/zisusu/	‘barrigas’
[ˈliso]	[ˈmeɫo]	/mehlo/	‘olhos’
[ˈcebo]	[ziˈcebo]	/zicebo/	‘barbas’
[ziɲeˈmbezi]	[ziɲeˈmbezi]	/zinyembezi/	‘lágrimas’
[muˈlomo]	[miˈlomo]	/milomo/	‘bocas’
[ˈskʰumba]	[ziˈkʰumba]	/zikhumba/	‘peles’
[ˈɲawo]	[ziˈɲawo]	/ziɲawo/	‘pés’
[ˈsɓindi]	[ziˈɓindi]	/ziɓindi/	‘fígados’
[ˈkʰanda]	[maˈkʰanda]	/makhanda/	‘cabeças’
[muˈfazi]	[ɓaˈfazi]	/ɓafazi/	‘mulheres’
[ˈmuntu]	[ɓˈantu]	/ɓantu/	‘pessoas’
[muˈtwana]	[ɓaˈntwana]	/ɓaˈntwana/	‘crianças’

Fonte: Elaboração própria

Quadro 12. Plural dos animais mamíferos e palavras relacionadas

Exemplo	Plural	Forma subjacente (plural)	Glosa (plural)
[ˈɲkuzi]	[ziˈɲkuzi]	/zinkuzi/	‘bois’
[ˈɲkomo]	[ziˈɲkomo]	/zinkomo/	‘vacas’
[ɲgoˈɲama]	[ziɲgoˈɲama]	/zingonyama/	‘leões’
[ˈkatsi]	[ziˈkatsi]	/zikatsi/	‘gatos’
[ˈiɲgwe]	[ˈziɲgwe]	/zingwe/	‘leopardos’
[ˈɲlɔvu]	[ziˈɲlɔvu]	/ziɲlɔvu/	‘elefante’

Fonte: Elaboração própria

Quadro 13. Plural de Aves e palavras relacionadas

Exemplo	Plural	Forma subjacente (plural)	Glosa (plural)
[ˈɸude]	[maˈɸude]	/maɸude/	‘galos’
[ˈɲkukʰu]	[ziˈɲkukʰu]	/ziɲkukʰu/	‘galinhas’
[idada]	[maˈdada]	/madada/	‘patos’
[mpuˈkane]	[zimpuˈkane]	/zimpukane/	‘moscas’
[ˈnsune]	[ziˈnsune]	/zinsune/	‘mosquitos’
[ˈɲosi]	[ziˈɲosi]	/ziɲosi/	‘abelhas’
[uˈmɲovu]	[ziˈɲovu]	/ziɲovu/	‘vespas’

Fonte: Elaboração própria

Quadro 14. Plural de instrumentos, plantas e palavras relacionadas

Exemplo	Plural	Forma subjacente (plural)	Glosa (plural)
[ˈkʰula]	[maˈkʰula]	/makula/	‘enxadas’
[ˈgedʒo]	[maˈgedʒo]	/magedʒo/	‘charruas’
[ˈmes]	[miˈmes]	/mimes/	‘facas’

[ˈmbila]	[ziˈmbila]	/zimbila/	‘maçarocas’
[boˈntʃiso]	[mabonˈtʃiso]	/mabontʃiso]	‘feijões’
[ˈplanti]	[maˈplanti]	/maplanti/	‘plantas’
[iˈmbali]	[ziˈmbali]	/zimbali/	‘flores’
[ˈmuti]	[ˈmiti]	/miti/	‘árvores’
[uˈmango]	[muˈmango]	/mumango/	/mangueiras’
[ˈŋkuni]	[ziˈŋkuni]	/ziŋkuni/	‘lenhas’
[lʒulaˈmeti]	[milʒulaˈmeti]	/milʒulameti/	‘eucaliptos’

Fonte: Elaboração própria

Quadro 15. Substantivos incontáveis (SIs.)

Exemplo	Plural	Forma subjacente (plural)	Glosa (plural)
[miʔaˈvati]			‘arreia’
[muˈlotʰo]			‘cinza’
[ˈmanzi]			‘água’
[ˈntutʰu]			‘Fumo’

Fonte: Elaboração própria

4. Discussão

4.1. Alongamento das vogais

Em Xifanakalo, tal como em outras línguas b’antu, há alongamento ligeiro da vogal da penúltima sílaba. Porém, este alongamento não está relacionado ao tom. O alongamento não é notável na escrita, podendo ser constatado a sua ocorrência na pronúncia (alongamento fonológico) da penúltima sílaba, em (11a-b).

(11)

- a. [ˈle:si] ‘esse’
- b. [ˈgu:nda] ‘cortar’

4.2. Acento

O acento é geralmente tónico e ocorre na penúltima sílaba, como em (12a-c). Todavia, quando as consoantes /n, k/ ocupam a posição de coda, o acento cai maioritariamente na penúltima sílaba, como se pode visualizar no quadro 13.

(12)

- a. [ˈpʰeki] ‘cozinhar’
- b. [ˈcebo] ‘barba’
- c. [ˈnwela] ‘cabelo’

Quadro 16. Sílabas com estrutura CVC (coda: /n/ e /k/)

C	V	C	Exemplo	Forma subjacente	Glosa
/b/	/u/	/k/	['buk]	/buk/	'livro'
/l/	/e/	/k/	['stelek]	/stelek/	'bastante'
/l/	/e/	/k/	[me'lek]	/melek/	'leite'
/tʃ/	/a/	/n/	[mbi'tʃan]	/mbitʃan/	'pouco'
/ɲ/	/a/	/n/	[makala'ɲan]	/makalapan/	'carruagem mineira'
/n/	/i/	/n/	[pika'nin]	/pikanin]	'pequenino'
/d/	/i/	/n/	[ga'din]	/gadin/	'jardim'
/m/	/a/	/n/	[dai'man]	/daiman/	'diamante'

Fonte: Elaboração própria

4.2. A labialização

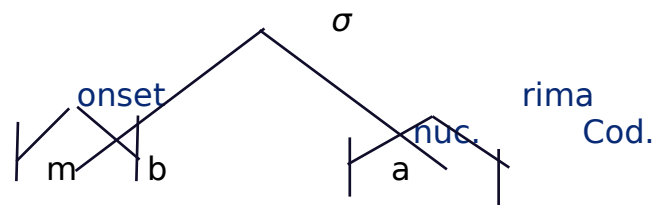
A produção das consoantes orais e da nasal /n/ pode ser feita com um leve arredondamento dos lábios. Este fenómeno chama-se labialização (caso das consoantes não-labiais). Os exemplos em (13) mostram que as consoantes não labiais podem ser labializadas através de arredondamento que se realiza, quando ocorrem antes da aproximante labial /w/. Portanto, após a realização da consoante que antecede o /w/ os lábios arredondam-se para assimilar o ponto de articulação da vogal oral /u/, embora o fenómeno ocorra de forma rápida.

(13)

- a. ['kwata] /kwata/ 'zangar-se'
- b. ['k^hwapa] /kwapa/ 'sovaco'
- c. ['nwela] /nwela/ 'cabelo'
- d. [twa'lanʒe] /twa'lanʒe/ 'amarar lenço'

4.3. Nasalização vocálica

A nasalização vocálica em Xifanakalo é inexistente, tanto no recurso do sinal diacrítico (~) em ditongação, bem como o recurso às consoantes nasais /n/ /m/. Na separação das sílabas, as consoantes nasais /m/ e /n/ quando ocorrem antes de uma outra consoante passam a pertencer a sílaba seguinte, formando um onset complexo, por isso estas consoantes nasais podem ocorrer em início de palavra antes de outra consoante. Portanto, em Xifanakalo não existem vogais nasais. O caso exemplificativo é da segunda sílaba do item [ba.mba] 'pegar' que também é representado na forma arbórea.



No que concerne aos onsets simples, a aproximante /j/ pode ocorrer em onset e em coda. A aproximante só pode ser o único elemento do onset. Por seu turno, a aproximante /w/ ocorre em posição de onset, nunca ocorre em posição de coda. Quanto aos onsets complexos, o Xifanakalo apresenta diversas opções de combinação. Segundo Surek-Clark and Mesthrie (2013) as oclusivas tendem a formar onsets complexos com outras consoantes. Em onsets complexos as oclusivas podem ocupar a segunda ou primeira posição.

Desta feita, há ocorrências com /sk^h, sk, sb, br, ml, sp, sô, pl, st, cw/. Assim, prova-se haver onsets complexos formados por fricativa e oclusivas; fricativa e implosiva; nasal e líquida; oclusiva com vibrante, por fim a oclusiva com aproximante.

Por seu turno, o Xifanakalo apresenta apenas quatro casos de formação de onsets supercomplexos CCCV. Dos onsets supercomplexos encontrados, um é formado por uma fricativa, uma alveolar e a vibrante; o segundo é composto por uma fricativa, uma velar e vibrante, o terceiro é formado por uma nasal, oclusiva e aproximante, o último é formado por uma nasal, uma alveolar e a aproximante. As descrições de onsets complexos e supercomplexos podem ser confirmados no quadro 5 dos encontros consonantais.

O plural de substantivos é marcado pela colocação do prefixo. Os prefixos que marcam o plural são: ma-, z-, zi-, ba- e mi-. O prefixo ma- ocorre em todos substantivos, exceto no plural dos animais mamíferos. O prefixo z- é alocado em um substantivo, geralmente animal quando o nome começa com uma vogal. Por seu turno, o prefixo zi- é alocado em um substantivo geralmente animal quando, o nome começa por uma consoante.

No quadro 12, os prefixos z- e zi- são os que marcam o plural de animais. O caso do prefixo ba- ocorre em pouca escala e é mais humano, como em (14a-c). O prefixo mi- pode marcar o plural de qualquer substantivo, exceto animais mamíferos. Finalmente, no quadro 11 há um caso do plural irregular do substantivo [liso] 'olho'.

- (14) a. [mu'fazi] 'mulher'
a. [ba'fazi] 'mulheres'
b. ['muntu] 'pessoa'
b. ['bantu] 'pessoas'
c. [mu'twana] 'criança'
c. [ba'ntwana] 'crianças'

4.4. Extensão semântica dos verbos

4.4.1. Estrutura do verbo

Antes de discorrermos sobre a extensão semântica propriamente dita, apresentamos a estrutura do verbo em Xifanakaló.

Geralmente, os verbos em Xifanakaló apresentam duas partes, uma que é o radical e outra a desinência. A desinência é invariável e é formada só pela vogal <a>

- (15) a. ['ŋgena] 'entrar'
b. [hamba] 'ir'
c. [gi'dzima] 'correr'
d. [bega] 'pôr'

Como se pode notar, a vogal [a] em cor verde é a única que constitui a desinência. O radical ocupa sempre o lado esquerdo (precede a desinência).

4.4.2. Extensão semântica

O Xifanakalo apresenta casos de sufixação dos verbos. Este processo consiste em alocar o sufixo -isa num verbo. Após a colocação do sufixo, o verbo adquire novo significado. Posto que, o acento em Xifanakalo ocorre geralmente na penúltima sílaba, verifica-se que, após a colocação do sufixo a palavra ganha mais uma sílaba. Por conseguinte, o acento também se desloca à direita para alcançar a **penúltima**

silaba. Ademais, o novo verbo sege a regra de *desinência vocálica invariável* com em 16 (a-b) à 20 (a-b).

- (16) a. ['ŋgena] 'entrar'
b. [ŋge'nisa] 'meter, introduzir'
- (17) a. ['funda] 'aprender'
b. [fu'ndisa] 'ensinar'
- (18) a. ['figa] 'vir'
b. [fi'gisa] 'trazer'
- (19) a. [gi'dzima] 'correr'
b. [gidzi'misa] 'expulsar, perseguir'
- (20) a. [hamba] 'ir'
b. [ha'mbisa] 'dirigir, levar para um sítio'

Portanto, neste estudo, verificamos que há ocorrência de consoantes não pulmonados no léxico do Xifanakalo, o que os outros autores não tinham feito alusão anteriormente. Alargamos a descrição do processo de marcação do plural. Descrições estas, que foram feitas previamente por (BOLD, 1951). Vimos a necessidade de apresentar pela primeira vez os encontros consonantais e a descrição detalhada da silaba.

Referências

- AGOSTINHO, Y. M. F. Revisitar a história da África do sul e a sua historiografia: uma trajetória de encontros e tendências. **Revista Africa[s]**. vol.5, p.26-38. 2018.
- AURBY, C. **The origins of Fanagalo reconsidered through its grammar and its lexicon**. Washington DC: Georgetown University, 2001.
- BANDEIRA, M. **Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné**. (Tese.) Doutoramento em Filologia e Língua Portuguesa. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- BOEHMER, E. **A vida de Nelson Mandela**. 1 ed. Lisboa: Tinta-da-china, 2014.
- BOLD, J. D. **Fanagalo - Phrase book, grammar and dictionary**. 1ª Ed. South Africa: E. Stanton, 1951.
- Crystal, D. A **Dictionary of Linguistics and Phonetics**. 6th ed. USA: Blackwell Publisher, 2008.
- FERREIRA, L. Ditongos crescentes: um conceito fonológico ou fonético? **Letras de Hoje**, 49: p.28-35. 2014.
- FONSECA-STARTTER, G. D. **A África do Sul e o sistema-mundo: da guerra dos bôeres à globalização**. Lisboa: Gerpress, 2011.
- GOLDSMITH, J. A. **Autosegmental and metrical phonology**. Oxford: Basil Blackwell, 1990.
- GUTHRIE, M. **The classification of the bantu languages**. 6 ed. London.: Oxford University Press, 1948.
- HURST-HAROSH, E. Fanakalo. In: TOMEK, E. e FINEX, N, (ed.). **An Encyclopedia of the Social and Political History of Southern Africa's Languages**. Palgrave: Camden, 2018.
- MESTHRIE, R. **Fanakalo as a mining language in South Africa: a new overview**. *Ijss* 258., p.13-33, 2019.
- NEWBY-ROSE, H. **Fanakalo as a trade language in Kwazulu-Natal**. (Master's thesis. MPhil in Intercultural Communication). Stellenbosch University, Stellenbosch, 2011.

- PEWA, C. N. **Fanakalo in South Africa:** An overview. (Mater's thesis. Master of Arts). University of Zululand., KwaZulu-Natal, 2001.
- PODEVA, R. J.; SHARMA, D. **Research Methods in Linguistics.**1ª Ed.United Kingdom: Cambridge University Press, 2013.
- SILVA, L. H. A. A. S. O. Contribuições do projeto piloto à coleta de dados em pesquisas na área de educação. **Revista IberoAmericana de Estudos em Educação**, 10, p.225-245. 2015
- SUREK-CLARK, C.; MESTHRIE, R. Fanakalo. In SUSANNE, M. Michaelis *et al.*(Eds.). **The Survey of Pidgin and Creole Languages**, Vol. 3. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- VISENTINE, P. G. F.; PEREIRA, A. D. **África do Sul:** História, Estado e Sociedade.1ed. Brasília: FUNAG/CESUL, 2010.
- ZACCARON, R., D'ELY, R. C. S. F.; XHAF AJ, D. C. P. Estudo piloto: um processo importante de adaptação e refinamento para uma pesquisa quase experimental em aquisição de L2. **Revista do GELNE**, 20, p.30-41, 2018.

Para citar este artigo: ARAÚJO, Gabriel Antunes; SENDELA, Carcídio Armando. A fonologia e morfologia do xifanakalo, uma língua também falada nas minas da África do Sul. **AXÉUNILAB:** Revista Internacional de Estudos de Linguagens na Lusofonia. São Francisco do Conde (BA), vol.01, nº01, p.187-205, jan./jun.2025. (Editores: Abias Alberto Catito - UEFS & Maurício Bernardo - UEFS **Coordenação: Alexandre António Timbane).

Agradecimentos: Os autores agradecem ao editor, e os revisores em anonimato face aos comentários em uma versão anterior deste texto. Carcídio Armando Sendela agradece bastante à **Universidade de Macau** pela bolsa de estudos.

Gabriel Antunes de Araújo, é professor no departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo. Professor da Universidade de Macau. Teve Mestrado e Doutorado na Universidade de Campinas, em São Paulo. E-mail:gabrielaraujo@um.edu.mo

Carcídio Armando Sendela, Ministério da Educação e Desenvolvimento Humanos-Moçambique. Tem graduação em Licenciatura em Ensino de Português e Inglês pela Universidade Pedagógica de Moçambique, Docente da Escola Secundária de Chissano, Moçambique. E-mail: jequito89@gmail.com